

DIÁRIO DE BORDO DESENVOLVENDO HABILIDADE DE ATENÇÃO E PERCEPÇÃO

Ana Marli Hoernig¹
Universidade La Salle

Recibido 12/08/2021 Aceptado 15/12/2021

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo constituir um diário de bordo com o registro do desenvolvimento das aulas de Metodologia da Pesquisa em Educação, com anotações e informações das aulas e pertinentes às mesmas. A metodologia qualitativa está implícita no objetivo, a partir das observações e das interações que ocorreram entre os alunos e entre alunos e professora foram realizados os registros. Tais registros foram complementados com respaldo literário e com algumas inserções autorais. Ao final da disciplina o diário estava elaborado de forma consistente e, para além de ser uma atividade específica da disciplina em questão, contribuiu para desenvolver maior habilidade de atenção e percepção por parte desta pesquisadora.

ABSTRACT

The present work had as objective to constitute a logbook with the record of the development of the Education Research Methodology classes, with notes and information of the classes and pertinent to them. The qualitative methodology is implicit in the objective, from the observations and interactions that took place between the students and between the students and the teacher, the records were made. These records were complemented with literary support and with some copyright literary inserts. At the end of the discipline, the diary was prepared consistently and, in addition to being a specific activity of the discipline in question, it contributed to developing greater attention and perception skills on the part of this researcher.

1. anamarlih7@gmail.com

DOI

<https://doi.org/10.15366/didacticas2021.25.006>

PALABRAS CLAVE

Diário de bordo; registros; observação; interação.

KEYWORDS

Logbook; records; observation; interaction.

INTRODUCCIÓN

Este diário foi um instrumento de avaliação solicitado por uma professora da disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação¹, referente às suas aulas, na abordagem dos métodos qualitativos. Fazer um diário para uma disciplina é um desafio, é diferente do diário de campo que faria em uma pesquisa. O diário como um instrumento de avaliação requer um embasamento teórico, neste sentido, passamos a procurar subsídios na literatura sobre diário de campo e encontramos algumas orientações que nos trazem um outro olhar para este instrumento que pode acompanhar o pesquisador, mas neste momento pesquisadora/aluna. Com alguma semelhança do que se passou ao longo das aulas e da elaboração do diário encontramos em Souza et al. (2015:24 549), quando escrevem que:

O diário de bordo proporciona uma forma de construção particular do conhecimento, tornando-se uma ferramenta pedagógica, abrangendo não apenas conteúdos de caráter específico, mas as percepções, a subjetividade, experiências anteriores e adquiridas nas atividades. O diário de bordo proporciona uma autonomia na construção do conhecimento pelos alunos, admitindo uma visão reflexiva e crítica de suas vivências.

Neste diário procede-se aos registros das aulas, nos dias em que houve aulas com a professora da disciplina, a mesma colocava no quadro o roteiro da aula do dia. Após este momento, geralmente trazia uma reflexão sobre uma notícia do momento ou uma frase para refletir a/sobre a educação. Seguiu-se então o desenvolvimento das aulas expositivas, com apresentação de slides, vídeos, aberta a questionamentos e contribuições dos alunos. Quanto aos registros, houve uma preocupação com fidelidade aos registros do que se passou nas aulas, porém o rigor maior que nos permitimos consiste em saber que “Os principais elementos envolvidos nessa escrita é o total desprendimento de categorias conceituais e a pura espontaneidade na observação e nas anotações”. (Santos, 2018).

Nos encontros houve possibilidades de abriremos um pouco mais nossos horizontes. Em momentos diversos, com contribuições de alunos da turma e pelas ponderações da professora, procurou-se trazer aspectos de humanidades na abordagem dos conteúdos sobre metodologia. Isto pode acontecer de muitas maneiras, como a partir das leituras sugeridas e dos vídeos assistidos. Consideramos, deste modo, como escrevem Oliveira, Gevrevini e Strohschoen (2017:121) “o grande potencial metodológico do diário de bordo para alicerçar o registro e reflexão do educando”. No caso deste diário fazemos o registro das atividades de uma turma de alunos e entendemos que o que foi desenvolvido é significativo, podendo ser oportunamente utilizado em outros contextos literários.

Apresentamos o diário elaborado com a narrativa das aulas, em muitos momentos trazemos as falas da professora, as contribuições dos alunos da turma, citando os conteúdos desenvolvidos e as abordagens feitas a partir das explicações da professora sobre os mesmos. As falas da professora apresentam grande fidelidade ao que foi dito em aula e estão

1 Disciplina cursada na Universidade onde a autora estuda.

identificadas, quanto as contribuições dos colegas da turma, optamos por não identificá-los pois nem sempre foi possível acompanhar quem falou, uma vez que as falas dos colegas se sucediam e se alternavam com as falas da professora com certa fluência e certamente registrar tudo seria impossível, pois os registros foram manuscritos. A imersão na literatura disponibilizada possibilitou reflexões e discussões que aconteceram ao longo das aulas. Uma vez que não foi apresentado nenhum texto sobre diário de bordo na disciplina em questão, buscamos em plataformas trabalhos que abordam o assunto para subsidiar nossa escrita. O desenvolvimento deste diário segue a ordem cronológica das aulas. Em todas as aulas a professora colocava inicialmente em um quadro da sala de aula um roteiro que seria desenvolvido para aquele dia.² A seguir segue o desenvolvimento deste diário com os relatos das aulas alternados com inserções da literatura disponibilizada pela professora e também dos autores buscados por nós.

DIÁRIO DE BORDO COM RELATOS DAS AULAS DESENVOLVIDAS

Após a proposta apresentada para o desenvolvimento de suas aulas, a professora disponibiliza o texto de Marcelo Gleiser: *As verdades e incertezas do processo científico*. A partir da leitura do texto, foram mencionadas algumas ideias pela professora e alunos quanto a sermos incompletos, não sabermos tudo, então é preciso saber-se ouvinte, pois o outro também sabe, é necessário experimentar o estranhamento, o novo. Para Gleiser (2000) esta questão não tem resposta única, podendo, inclusive haver confrontos entre as versões do que seja verdade, conforme as diferentes áreas do conhecimento. Este autor ainda escreve que a verdade é uma representação da realidade, o que não significa fraqueza da ciência, pois tais representações, quando testadas, a partir das hipóteses, poderão ser comprovadas e confirmadas ou refutadas quando não acontecer a confirmação das hipóteses. Sendo, para o referido autor, que a verdade será sempre temporária. Neste momento de reflexão sobre o texto, mencionam na turma que a verdade muda e são citadas duas verdades: a verdade da ciência e a verdade da fé, lembrando que há muitos momentos históricos em que isto ocorre, como quando a humanidade decreta falência da monarquia, da religião centrada no divino, e o sujeito vive o que está posto. Também no processo de industrialização emerge o sujeito com interioridade, a ciência confronta este *status quo*, de verdade “absoluta” e por fim redimensionam-se convicções, pois nem sempre “enxergamos” o que vimos e a interpretação que o outro faz pode nos trair.

A professora menciona seu currículo e projetos de que participa. Como está participando de um projeto de inclusão em uma escola da comunidade, a temática volta-se para este tema. Surge então na turma a discussão: existe ou não inclusão? Como isto ocorre? São citados por alguns alunos da turma os avanços na legislação que faz acontecer a inclusão, como mecanismos de acessibilidade, tais como elevadores, rampas de acesso, piso

2 O diário que foi entregue à professora continha os roteiros que foram removidos devido à necessidade de adaptar o trabalho à extensão de uma publicação.

tátil e outros. É mencionado então a importância de criar-se vínculo afetivo com alunos de inclusão. Tais vínculos são essenciais para o aluno ter êxito na aprendizagem e para o sucesso de projetos de inclusão.

A aula tem continuidade com a turma assistindo um vídeo disponibilizado pela professora. Este vídeo traz o sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2018) falando brevemente sobre as epistemologias do sul e outros conceitos relativos à sua práxis. Boaventura diferencia pesquisa extrativista, em que o pesquisador busca dados no campo, retirando apenas o que interessa, enquanto a pesquisa não-extrativista ocorre quando há interação no campo de pesquisa, estabelecendo-se uma dialogicidade, onde o pesquisador aprende e sua posição não é neutra. Na fala de Boaventura de Souza Santos, no vídeo assistido, ele afirma que em sua epistemologia não há conhecimento pronto, mas há muito conhecimento válido a circular nas sociedades. Quanto às epistemologias do sul, ele as define como sendo uma tentativa de resgate epistemológico do conhecimento nascido nas lutas por parte de quem tem sofrido as injustiças do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. Atores estes de diferentes culturas, trazendo variadas e fecundas contribuições de suas vivências, de senso comum, obviamente não reconhecido pela academia. Boaventura ressalta que os indivíduos detentores deste senso comum lutam por dignidade com condições de vidas indignas. Deste modo por não terem voz e nem vez, são atores que compõe a sociologia das ausências, a qual encaminha-se para a sociologia das emergências, esta, por sua vez, compreendemos que é mais uma utopia daqueles que, como Boaventura, se sensibilizam com os menos favorecidos de nossa sociedade tão desigual.

A experiência/estudo do sociólogo segue para o desenvolvimento do que ele chamou de ecologia dos saberes, a qual tem se construído com os saberes de todas as culturas nas quais tem estado inserido, onde pesquisou ao longo dos anos, a saber as culturas dos brancos, negros e indígenas. Nas palavras de Boaventura de Souza Santos, estaríamos numa fase de transição, atrás de uma cortina de insegurança, onde se esconderiam novas abundâncias de nossa vida individual e coletiva e o paradigma dominante atravessa uma crise que:

- é tanto profunda como irreversível;
- estamos vivendo um período de revolução científica que se iniciou com Einstein e a mecânica quântica e não se sabe ainda quando acabará;
- os sinais nos permitem tão só especular acerca do paradigma que emergirá deste período revolucionário.

A aula segue com a apresentação de colegas que participaram de um congresso no México. Tais colegas mencionam a grandiosidade do evento e o aprendizado que se deu devido as muitas trocas de experiências de outras realidades com os participantes de diversos países.

A professora comenta algumas situações/notícias do dia como massacres em escolas com suas implicações para a sociedade, como o desencadeamento de insegurança nas escolas de todo o país. A partir deste momento a professora passa a apresentar, através da leitura, os conceitos em Boaventura de Souza Santos a partir do livro disponibilizado no ambiente de aprendizagem virtual no site da universidade, para estudo nesta disciplina. Assim, registramos segundo este autor, que “Estamos no fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem científica. As condições epistêmicas das nossas perguntas estão inscritas no avesso dos conceitos que utilizamos para lhes dar resposta.” (2018:19) e “[...]É essa ambiguidade e a complexidade da situação do tempo presente, um tempo de transição, síncrono com muita coisa que está além ou aquém dele, mas também descompassado a tudo o que o habita.” (2018:15). Ele questiona se haveria alguma motivo relevante para substituímos os conhecimentos de senso que temos da natureza pelo conhecimento científico que é produzido por poucos e que a maioria das pessoas não têm acesso e pergunta também se a ciência poderá contribuir para reduzir as acentuadas desigualdades sociais.

No momento desta leitura, vem à lembrança o programa nacional do livro didático (PNDL) do governo brasileiro, adotado em nível nacional, e em tempos de docência desta autora, muitas discussões havia nas escolas, pois num país imenso com tantas realidades diferentes, o mesmo livro não poderia ser adotado em regiões com tantas diversidades. Nesta situação, o rico e profundo conteúdo das disciplinas curriculares fica reduzido à restrita possibilidade de um único autor que pode ser adotado em todo o país. Porém, Boaventura sinaliza para alguma esperança, pois refere que atualmente estamos em um modelo de transição, “que define a especificidade do ser humano por contraposição a uma concepção da natureza que as ciências naturais hoje consideram ultrapassada, mas é um modelo em que aquilo que o prende ao passado é menos forte do que aquilo que o prende ao futuro”. (2018:69).

A aula encerra-se com as leituras de Boaventura de Souza Santos. Como havíamos feito uma leitura prévia deste autor que escreve de uma maneira que nos aproxima de seus escritos. Deste modo nos alinhamos com o autor quando escreve que “Não basta, porém, apontar a tendência para a superação da distinção entre ciências naturais e ciências sociais, é preciso conhecer o sentido e conteúdo dessa superação.” (2018:65), pois “O sujeito, que a ciência moderna lançará na diáspora do conhecimento irracional, regressa investido da tarefa de fazer erguer sobre si uma nova ordem científica. (2018:69). Registramos por fim, de acordo com este autor, como um alento para pesquisadores em constituição que:

O senso comum interpenetrado pelo conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade. Uma racionalidade feita de racionalidades. Para que esta configuração de conhecimentos ocorra é necessário inverter a ruptura epistemológica. Na ciência moderna a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o

conhecimento científico; na ciência pós-moderna o salto mais importante é o que é dado do conhecimento científico para o conhecimento do senso comum. (Santos, 2018:90).

O que parece termos para este momento/circunstância é uma transição e a perplexidade referida por Boaventura de Souza Santos, ante o que vem se descortinando, é, segundo nosso entendimento necessária e oportuna. Constitui-se em uma expectativa, pois ansiamos por mudanças. Entretanto desvincular-se da racionalidade de todo talvez não seja o mais benéfico para a ciência, para a sociedade, mudanças paulatinas poderão favorecer um equilíbrio maior para a sociedade que poderia absorver de um modo mais proveitoso as modificações almejadas.

Na segunda aula, a professora traz um panorama social educativo da semana e menciona uma situação de tensão ocorrida no estado e noticiado pelas mídias, quando mulheres e gays teriam sido ameaçados de morte. Diferentes mídias noticiaram esta ameaça, sendo que a instituição tomou providências preventivas acionando autoridades para garantir segurança das pessoas referidas. O fato não se consumou desta vez, mas vale a reflexão sobre os direitos humanos e a luta, que parece não ter fim, das mulheres por respeito em todos os espaços onde se encontram vivendo/atuando/estudando e resistindo a serem tratadas de uma forma inferiorizada. Quanto aos gays e outros grupos, minorias que podem ser tratados como sub-humanos, é uma situação que não podemos aceitar, considerando direitos garantidos constitucionalmente de respeito e igualdade. Na sequência da aula assistimos o vídeo/apresentação Diálogos com Antonio Nóvoa, em que o educador/cientista fala sobre o professor e os desafios da docência na atualidade.

Nóvoa (2018) entende que se quer desenvolver teorias educacionais num ambiente que não é favorável, que não permite a autonomia de educador e educandos, onde a criatividade não pode se manifestar considerando como impedimento, por exemplo, a distribuição dos alunos nas salas de aula tradicionais. Para Nóvoa é preciso ocorrer um processo que ele chama de metamorfose, com significativas mudanças nas escolas, criando-se ambientes e formas de trabalhar que rompam com o que temos atualmente. Na fala de Nóvoa, ele deixa claro que seria necessária uma diferenciação pedagógica, com possibilidade de o aluno encontrar seu ritmo no processo de aprendizagem, sendo que esta pode ocorrer de muitas maneiras, em cooperação, na interação com os pares. E isto não significa trabalhar valores, conteúdos e uma forma de comunicação que, ao mesmo tempo que nos insere no passado através da leitura, se apropria do presente e futuro através da escrita.

Entendemos, a partir das falas de Nóvoa, que não é possível escolher entre dicotomias e priorizar teoria ou prática em processos educativos. É possível buscar o equilíbrio. É possível inovar, renovar. É possível entrelaçar a universidade com a escola para criar os ambientes educativos; novas realidades que cruzem ambientes e realidades. Tal maneira de fazer educação, mais flexível e holística, traria ainda benefícios para acolher alunos de inclusão.

Na continuidade da fala de Nóvoa, ele propõe fazer na universidade a metamorfose que sugere, com ambientes adequados. Os professores assim formados seriam capazes de desenvolvê-los nas escolas. Faz-se necessário, para ele, que se estabeleça uma interação entre universidade e escola básica, com os professores da escola colaborando para a formação dos futuros professores, sendo que a universidade deveria dar prestígio à formação dos professores, a exemplo das engenharias e de outros cursos.

Finalmente Nóvoa menciona que o acesso à universidade, aumentando grandemente o número de alunos e a expansão da ciência, como elemento central da sociedade contemporânea deram um destaque acentuado à universidade. Desta maneira a universidade passou a fazer parte da estrutura do poder, da economia, desencadeando uma lógica de eficiência, produtivismo e imediatismo tal que as instituições educacionais, ao se tornarem iguais a outras empresas, deixarão de ser úteis à sociedade.

Na última fala do vídeo/palestra, Nóvoa menciona que o frenesi de escrever, repetir artigos, plágios, prestar contas para ter financiamento, repetir artigos, autoplágios precisam ser freados. As universidades são indispensáveis para proteger o trabalho que ainda não tem utilidade para o futuro, mas que trará benefícios concretos sem pressão à ciência, às pessoas, numa cadência que nos traga o progresso, mas também a paz.

A partir do vídeo, a professora comenta sobre a Universidade de Harvard, mencionando que as universidades têm que prestar contas ao passado e ao futuro, não ao frenesi do momento. O estudo do momento irá se projetar no futuro, a exemplo de décadas de estudo para hoje termos internet e todas as tecnologias. O imediatismo inutiliza a universidade. Eficiência demora, faz-se necessário dar tempo, sem cobranças, também sem parar, continuar avançando, lembrando que as grandes descobertas aconteceram ao acaso, quando a mente está descansada, preparada para ver, então percebe as sutilezas, as pequenas partes que são indispensáveis no todo. Pede-se tempo para a universidade, para a produção da ciência, lentamente. As falas de Antonio Nóvoa desafiam à reflexão. Na vida acadêmica, então, os processos são céleres, muito precisa ser feito, geralmente em pouco tempo, mas a ciência precisa de tempo para poder avançar.

Ao término desta aula somos informados da disponibilização no AVA (Ambiente virtual de aprendizagem) de dissertações e teses. Deveremos fazer uma análise para a próxima aula dos resumos, introdução, metodologia e resultados de uma tese. A partir das teses disponibilizadas, são realizadas as escolhas e durante a semana são realizadas as leituras.

Em nossa terceira aula, a professora traz a frase de Marie Curie para reflexão: Na vida não deveríamos temer, deveríamos conhecer. No entanto vivemos sobre muitos temores, os medos de que vivemos nestes dias: medo do Lattes sair do ar, das ditaduras de governo pela visão de algumas pessoas, expostas em redes sociais.

A seguir passamos a assistir o vídeo de Daniel Cara com entrevistadores: <https://www.youtube.com/watch?v=Xz21XiEPfE>. Daniel Cara é coordenador da Campanha

Nacional pelo Direito à Educação, com informações no site: <http://campanha.org.br/>. Neste vídeo ele posiciona-se e critica a escola sem partido, pois defende que na educação não há neutralidade, falando também sobre o papel do professor na atualidade.

A partir do vídeo assistido, registramos que Daniel Cara defende a liberdade dos professores de manifestarem sua opinião. Para ele, educação é apropriação da cultura, é arte, formas de expressão para lidar com a sociedade. Não pode ser um julgamento moral nas escolas, mas sim que os alunos se apropriem desta cultura e sejam pessoas plenas. Explana também que para os defensores da escola sem partido o professor não irá falar sobre o que se passa fora da escola como questões de gênero e as muitas formas de violência. (Cara, 2018). De fato, além destes temas, nas escolas deveriam ser discutidas questões como evasão, qualidade da educação, escolas que não tem saneamento básico, energia elétrica, falta de professores e muitas outras necessidades.

Para Daniel Cara a escola brasileira reprova muito. Ele refere que Paulo Freire determinou a progressão continuada pois a reprovação é danosa, a culpa recai no aluno, ele sente que fracassou quando reprova. Posteriormente a culpa recai sobre o professor, enfim, alguém precisa ser culpabilizado. (Cara, 2018). Neste sentido, entendo que enquanto apenas se procura um culpado, a educação sofre perdas e a democracia fica ameaçada por divergências entre dois polos que parecem não buscar um equilíbrio.

Quanto à questão que surgiu na turma de que o professor que traz estas discussões, passa a impressão quanto a uma posição partidária, de acordo com a professora, isso é um mito que nem sempre corresponde à realidade. Na verdade, o professor tem a tarefa de modificar a sociedade, quando desempenha o papel de discutir questões como as mencionadas anteriormente. Ainda, menciona a professora, é bom quando o aluno traz questões, pois segundo Paulo Freire, ninguém é neutro. Inadmissível é o professor ser doutrinador e tentar impor a visão de qualquer ideologia. Sobre posições extremas que podem surgir nas escolas, por exemplo, como agir em caso de ataques a integrantes da comunidade escolar, a professora lembra o manual de defesa das escolas, disponível no site <http://www.manualdedefesadasescolas.org/manualdedefesa.pdf>.

Estudo dos Métodos Qualitativos

Iniciamos os estudos dos métodos qualitativos na expectativa de buscarmos identificarmos e distinguir os diferentes métodos para que fosse possível escolher aquele que iria ser mais adequado para responder à nossa questão de pesquisa. Gamboa (2012:43) menciona que “toda investigação supõe um corpo teórico e este deve ter um método que lhe seja apropriado”, contudo estamos atentos ao que este mesmo autor refere quando menciona que não há abordagens metodológicas totalmente definidas, pois para esse autor pode ser comum que em muitas investigações ocorra uma composição com diferentes métodos.

A professora passou a expor o estudo dos métodos qualitativos quanto aos tipos e definições. Inicia a abordagem sobre pesquisa “documental” e propôs a turma fazer conjuntamente o acesso à internet em sites específicos para mostrar documentos. Sugeriu salvar os endereços para depois podermos voltar aos bancos de dados. Nos sites visitados acessamos alguns links que possam ser de interesse para as pesquisas dos alunos da turma, para usarmos em nossas pesquisas. Acessamos os sites do MEC³ e IBGE⁴, entre outros que poderiam ser úteis às pesquisas dos alunos.

Segundo a professora, na introdução de um trabalho, dissertação ou tese, deveria constar os documentos de uma realidade social. Por exemplo, quando se pesquisa educação à distância, comparando com outra modalidade ou quando a pesquisa é sobre educação para alunos com deficiência: mostrar alunos com deficiência no ensino médio, empregabilidade e salários, sendo que a pesquisa documental pode ser um subsídio na introdução ou pode ser a forma do objeto de pesquisa.

A turma e a professora citaram mais alguns exemplos de documentos: dados sociais em grandes portais, documentos de uma escola: plano pedagógico institucional, plano de curso, normas de convivência, atas de reuniões de professores, registro de número de atendimentos a alunos pelos orientadores educacionais, hinos das escolas, etc. Também consiste em pesquisa documental, refazer a história, recontando o que é passado de forma oral, neste caso o pesquisador vai criar documentos, os quais sempre têm uma intencionalidade, não são neutros, de forma que até mesmo uma ata de reunião de professores pode ter palavras escolhidas, sendo que dificilmente uma pesquisa não terá documentos como fontes, posto que qualquer lei citada se constitui em um documento.

Atualmente a pesquisa é feita, predominantemente com “entrevista”. Se a entrevista não vier acompanhada de outros elementos, poderá ser frágil. Precisa avançar em instrumentos para ter melhores resultados. É possível buscar outros elementos que possam revitalizar instrumentos de pesquisa, sendo possível usar fotos como registros para pesquisas em educação, porém é preciso saber “ler” as imagens e fazer uma adequada descrição.

A professora deu continuidade à aula passando à abordagem da metodologia “estudo de caso”. Explanou que o estudo de caso não tinha espaço no paradigma o qual dizia que o que não pudesse ser comprovado, não teria validade. Por exemplo, seria válido um achado matemático que fosse útil à população que pudesse ser replicável. Isto foi desconstruído, a tecnologia disponibilizando consulta a banco de dados e trouxe uma realidade que não se tinha acesso. Um achado não precisa, necessariamente, ser replicável. Pois um estudo de caso pode ser tão relevante quanto um estudo de massa. Segundo a professora, a riqueza da singularidade desaparece no coletivo, é mascarada quando trabalha com fatos que não possa evidenciar as particularidades. A relevância pode ser evidenciada tanto quando exerce influência sobre o indivíduo como sobre um grupo, sendo que os dois modos são significativos e relevantes. Nesta direção, um colega traz sua con-

3 Ministério da Educação e Cultura.

4 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

tribuição dizendo que devido à diversidade do ser humano há várias características, ou mesmo variáveis que podem ser consideradas para chegar a um resultado.

Segui a explanação da professora sobre estudo de caso, mencionou que este método valoriza a singularidade, contexto em que o pesquisador tem que descrever, o sujeito está inserido na pesquisa e a realidade traz instrumentos: pesquisa documentos, históricos e várias fontes informam sobre o sujeito. O sujeito e a ação estão no contexto. No estudo de caso, quanto mais perto se observa, mais coisas podemos enxergar, esta é a intensidade do estudo de caso. O estudo de caso é uma pesquisa que pode trazer tudo o que os dados sugerem, com narrativa do pesquisador sobre o contexto, não apenas uma tela pronta. Podem se constituir estudo de caso: alunos de uma escola, quadro de professores da escola, fenômeno da evasão escolar. Segundo Alves-Mazzotti (2006:240) “Os estudos de caso mais comuns são os que focalizam apenas uma unidade: um indivíduo”, como por exemplo uma instituição de ensino.

Mencionou-se na turma os estudos de casos múltiplos, os quais segundo a professora, constituem-se em uma variante do estudo de caso, ocorre quando algo se repete, e então é a repetição que valida a investigação, há mais de um sujeito na mesma situação, há sujeitos na mesma condição. Para Alves-Mazzotti (2006:241), estudos de caso múltiplos são aqueles nos quais “vários estudos são conduzidos simultaneamente: vários indivíduos, como, por exemplo, professores alfabetizadores bem-sucedidos”.

No último momento da aula deste dia a professora conduz os comentários sobre a análise das dissertações e teses que haviam sido disponibilizados para esta finalidade. Alguns alunos da turma participam deste momento socializando suas observações. A seguir seguem alguns registros sobre estes comentários.

Um colega comenta sua leitura sobre estudo de caso de Porto Alegre, uma pesquisa empírica-teórica com ênfase na exclusão social. Uma segunda colega relata ter lido e analisado a história da família negra. Outro colega que leu a quarta tese que aborda o financiamento da educação profissional no Brasil e comenta seu interesse em relacionar com a sua pesquisa e assim, comentamos sobre nossas leituras, destacando ter identificado como “não fazer” a pesquisa e redação em uma tese, pois a análise das teses lidas permitiu identificar a falta de clareza quanto aos tópicos analisados, bem como alguns tópicos a serem identificados que se encontravam difusos ao longo do texto.

A professora comentou que famílias são unidades complexas para estudo. Outros colegas contribuem com comentários pois também leram as teses que estudam famílias. Outro aspecto salientado nos comentários é quanto a pessoa usada na conjugação verbal para a redação dos textos. A professora lembra que utilizar pessoas diferentes, 1ª ou 3ª, está relacionado com o tipo de pesquisa. No caso da pesquisa-ação, usa-se primeira pessoa quando intervém e se coloca na pesquisa e usa-se 3ª pessoa no restante do texto.

Somos chamados a ter atenção pela professora para o cuidado que se deve ter quando se está inserido na pesquisa. Mencionou sobre riscos a correr e os cuidados que se deve

ter quando se faz pesquisa no local de atuação, sendo preciso ter uma conduta indagadora e manter um distanciamento, pois neste momento é o/a pesquisador/a que se coloca, posicionando-se na sua pesquisa.

Por fim a professora traz uma questão pertinente ao estudo do momento que seria diferenciar o estudo de caso da amostra. Alguns alunos dão sua contribuição e conclui-se que a forma de pesquisa é diferente. O estudo de caso se encerra em si mesmo, não tem compromisso com a realidade que está estudando, enquanto a amostra faz alusão a um contexto maior do que se está estudando.

As teses e artigos para leituras para a próxima aula foram disponibilizadas no sistema. Deste modo, durante a semana realizamos a leitura proposta.

Neste dia, nossa quarta aula, a professora optou por não colocar questões educacionais e/ou políticas. Nos entregou material impresso com fábula dos cegos e do elefante. Após a leitura, identificamos no texto a metáfora da impossibilidade de compreender o todo. Uma outra versão da fábula, no entendimento da professora, refere-se ao fato de ser importante ouvir os outros para ouvir as outras partes da verdade, a contribuição de cada um. Podemos entender também que a todos cabe uma parcela de cegueira. Esta fábula pode-se aplicar a muitos contextos e mostra, de um modo simples que a verdade pode variar segundo muitas variáveis como o contexto cultural, o conhecimento que se possa ter de um determinado tema e experiências vividas. Para a contemporaneidade, de tanta pluralidade cultural, precisamos alargar nossa visão e abertura ao diferente e ao novo que se encontra presente à nossa volta e que vai continuar chegando. O que poderia ser, como foi mencionado na turma, numa perspectiva mais atual, desenvolvimento de recursos pedagógicos para cegos.

Seguindo a aula, a professora relembrou o texto de Marcelo Gleiser: a verdade tem caráter transitório, há um constante contraponto entre confirmação ou contestação da verdade, havendo uma tendência a tornar a verdade dogmática, porém na ciência ocorre o cultivo da dúvida, da incerteza. A verdade da fé é para ser acreditada, outras verdades serão substituídas.

Na sequência da aula a professora retomou o texto de Boaventura de Souza Santos, leu algumas frases deste texto e após teceu alguns comentários que seguem registrados. No entendimento da professora, Boaventura não desqualifica o saber popular, sendo que no senso comum encontram-se estratégias do modo de viver que se vão construindo, o conhecimento não deve ficar ensimesmado na universidade. Salientou ainda que todo conhecimento é científico e social, é local e total, é também autoconhecimento enfim é o conhecimento de muitas possibilidades.

Na sequência da aula, a professora retomou o conteúdo da carta a um jovem investigador de Antonio Nóvoa e mencionou alguns tópicos, quais sejam: Conhece com grande abertura temática e metodológica; não deixe de arriscar e transgredir; conhece para além dos limites da ciência; conhece em ligação com outros; conhece com responsabilidade;

conhece com tua escrita. Lê trechos da carta onde fala sobre produtivismo, plágios, sobre escrever muitos *papers* e ainda lê sobre a escrita acadêmica, em cujo parágrafo Nóvoa aconselha ao pesquisador encontrar sua identidade como pesquisador. Sobre estar com outros, em debate, em partilha, aconselhado por Nóvoa, a professora salientou que é importante, se possível, estarmos em um grupo de pesquisa.

Sobre a pesquisa qualitativa, a professora mencionou que esta não possui a função de generalizar os resultados obtidos em uma amostra e sim a caracterização, compreensão e interpretação destes dados observados num grupo específico, pois a ênfase está na relação social, na história social dos objetos, no dia a dia, na variedade da existência, sendo que métodos quantitativos e qualitativos podem ter composições no mesmo trabalho, podendo a abordagem ser mista, qualitativa-e quantitativa.

Fez-se a seguir, pela professora, uma breve retomada sobre pesquisa documental e estudo de caso. Sobre a pesquisa documental lembrou que: os documentos contextualizam o tempo, elucidam aspectos de uma época para sujeitos que não viveram aquele tempo histórico, é possível revistar o que não se viveu, como por exemplo, cartas e telefones antigos. Elementos que não são documentos podem trazer informações sobre uma época, como o uniforme escolar.

Durante as aulas, também interagimos esclarecendo dúvidas sobre metodologias. Surge a pergunta à professora: a pesquisa bibliográfica pode não ser documental? Ela então nos respondeu que é importante colocar documentos; pois dificilmente uma pesquisa de revisão bibliográfica não trará documentos. A professora esclareceu também que dados primários são dados buscados pelo pesquisador, dados originais, não existem ainda, enquanto fontes secundárias são buscadas em base de dados, sendo que os dados que já existem.

O estudo de caso inicia com origem em casos clínicos, mas ao sair da perspectiva clínica e passar para maior abrangência e contextualiza-se atualmente, sendo o estudo caso. Assim o pesquisador pode imergir na pesquisa como uma aluna sua que fez sua pesquisa em gestão, pesquisando como se dá a inclusão em escolas de sua cidade, verificou sala de recursos, planos pedagógicos e materiais da escola. A aluna iria duas vezes nas escolas da cidade, mas foi cinco vezes em cada uma das quatro escolas escolhidas para sua pesquisa. Desta forma obteve uma gama maior de informações, uma variedade de fonte de dados.

A professora destacou que é importante procurar o contraditório dentro do estudo de caso. Sendo que devemos saber que em pesquisa pode ocorrer o inusitado, aquilo que não se deu conta, de algum aspecto ou que era de uma determinada maneira. Quanto aos casos múltiplos podem ter muitas abordagens, como os que contam histórias de mais de uma família, por exemplo.

A seguir a professora passou a discorrer sobre o método de “pesquisa-ação”. Informou que começa na psicologia. Informa que Kurt Lewin, em 1946 foi o primeiro a cunhar o

termo. Em suas etapas planeja para melhorar a prática, monitora os efeitos da ação e avalia os resultados. Na pesquisa-ação pode ser necessário fazer interrupções, considerando que pode surgir uma reunião na escola ou outro imprevisto. Deste modo, a pesquisa-ação requer tempo, provavelmente meses, para conseguir envolvimento dos participantes, sendo que os temas são escolhidos/abordados por todos os envolvidos na pesquisa, faz-se necessário ter consentimento destas pessoas, entender como é a realidade dos envolvidos e o diário para registrar todos os passos é fundamental, além de outros registros como fotografias.

Uma colega mencionou sobre a avaliação, sobre ser feito a uma avaliação do processo durante a pesquisa, então a professora disse que a avaliação deve se dar ao longo de todo o percurso pois é um trabalho que não se sabe onde vai chegar. Na pesquisa-ação o pesquisador propõe, ousa, sendo que vai haver mudanças no local onde a pesquisa se desenvolve. Segundo Trip (2015:445) a pesquisa-ação se desenvolve de maneira diferente para diferentes aplicações, para ele “a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Sobre o método “cartográfico” que nos é apresentado a seguir, a professora informou que o termo vem da geografia, significa mapear determinado contexto. Sobre o objeto a ser cartografado, Oliveira (2012:284) nos diz que “não é assim, algo fixo, um objeto de dado empírico, organizado e fechado segundo as exigências da representação. Ele é como alguma coisa que se estende sobre uma superfície, geográfico, geológico, e que pode tomar emprestado um grande número de modos de existir.” É um método que apresenta flexibilidade para outros atores e os elementos da pesquisa poderão ser o que surgir na instituição educativa, como uma mãe a ser atendida, o porteiro com seu trabalho, então é preciso estar no local da pesquisa. Diferentemente a pesquisa-ação tem mais a intervenção do pesquisador. A cartografia não traz de antemão a intervenção, o projeto, mas se dá no processo, logo não é possível ter hipótese, vais se desvendar o objeto de pesquisa. É preciso contar a experiência de pesquisar, no local onde ocorre a pesquisa, havendo as possibilidades de identificar elementos potenciais, a fala dos atores, os materiais que circulam com elementos diversos, de maneira que o olhar do pesquisador precisa estar sempre atento para incorporar a sua pesquisa todo estes contextos.

A professora então distribui livros de metodologia sobre pesquisa-ação de Michel Thiollent que circularam entre os alunos e após foram devolvidos. Perguntamos se pesquisa-ação precisa ter relatório e a professora informou que pode ser apresentado de outras maneiras, mas deve aparecer o registro de alguma forma.

Em seguida a professora apresentou mais um método, a pesquisa “colaborativa” que consiste em um processo de pesquisa em que o pesquisador está aliado a algum profissional e grupo de professores ou diretor da instituição, alguém que quer ou precisa melhorar sua condição profissional. Como exemplo cita o trabalho de pesquisa de uma professora

da instituição na qual estudamos que desenvolve seu projeto em uma escola que precisa do suporte do trabalho da referida professora e dos seus orientandos, assim, ao mesmo tempo que dá este suporte e capacitação gera um projeto, um processo de investigação. Os orientandos têm que saber fazer o que a escola necessita, é em conjunto que se verifica o que precisa mudar, e é necessário conhecer o contexto da escola onde se desenvolve a pesquisa. Segundo Gamboa (2012:31) o objetivo da pesquisa é “a transformação social e o melhoramento da vida dos sujeitos imersos nesta realidade”. Encontramos ainda, segundo este autor, que a pesquisa “pressupõem que o conhecimento seja essencialmente um produto social, que se expande ou muda continuamente, da mesma maneira que se transforma a realidade concreta, e que, como ato humano, não está separado da prática”. (2012:31).

Este método remete ao campo da educação mais especificamente. Na pesquisa colaborativa, diferentemente da pesquisa-ação, há uma demanda da escola e também ocorre a capacitação dos professores. O método resolve uma questão da escola, é construído entre o investigador e a comunidade escolar. Na pesquisa colaborativa os atores da escola são mais determinantes, enquanto na pesquisa-ação o pesquisador tem a condução do processo.

O último método apresentado nesta aula denomina-se “bricolagem”, que na verdade consiste em recorrer a mais de um método quando um único método não der conta de responder e não for possível desenvolver a pesquisa. Conforme Paraiso (2012:33), produzimos “a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias porque não temos uma única teoria a subsidiar nossos trabalhos e porque não temos um método a adotar”. A bricolagem traz em seu bojo o reconhecimento de limite dos métodos e segundo esta autora “usamos tudo aquilo que nos serve, que serve aos nossos estudos, que serve para nos informarmos sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo de novo seja produzido” (2012:33).

O método não pode ser o ordenador de nossa pesquisa, mas sim o objeto, o que nos faz investigar, posto que o método está a serviço do pesquisador para resolver a questão de pesquisa. Com esta fala a professora procurou tranquilizar mestrandos e doutorandos que naturalmente preocupam-se com a metodologia de suas pesquisas. A professora comentou que para a banca de avaliadores, o mais importante é o objeto e a questão, o tema deve ser motivador, aliado às pretensões que o aluno tem, sendo inclusive possível haver mudanças a partir da qualificação do projeto de dissertação ou tese, pois este é um momento muito importante, de ampliação da visão para os alunos pesquisadores. Devemos nos preocupar em fazer algo que seja significativo para nós mesmos e, na medida do possível, para a sociedade.

O material disponibilizado durante a semana, leitura para a próxima aula, é o artigo de Alexandre Barbosa Pereira: Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação.

Em nossa quinta aula, a professora iniciou informando sobre o filme “Eleições”, um documentário sobre eleição de grêmio estudantil, que assistimos na aula. Este filme é feito em 2018, pela cineasta Alice Riff, na reportagem de Elida Oliveira. A reportagem e o trailer do filme estão disponíveis em G1 educação – g1.globo.com. A seguir um breve relato sobre o vídeo, cujo site para acesso é: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/03/13/documentario-sobre-eleicao-de-gremio-estudantil-mostra-reflexos-da-politica-nacional-e-das-lutas-sociais-na-escola.ghtml>

A cineasta pensou em abordar o tema sobre eleições a partir de sua constatação pelo desinteresse de adolescentes por política, dado a pequena participação em eleições de jovens com direito a voto facultativo – idade entre 16 e 17 anos. O documentário mostra reflexos da política nacional e das lutas sociais na escola pois os alunos da referida escola têm reivindicações parecidas com as da sociedade. As gravações aconteceram durante o processo eleitoral de 2018, sendo este projeto construído em conjunto com os professores da escola com a realização de várias oficinas para os alunos, como cartaz, teatro e jornalismo.

A professora leu as questões respondidas pela diretora do filme e após assistimos ao trailer do filme que foi lançado em 14/03/2019 em vários cinemas no Brasil. No filme os atores/alunos trazem questões diversas da atualidade e de seu interesse. Após este momento, alguns comentários aconteceram na turma. Um colega, mencionou ser difícil ter candidatos para determinados cargos na instituição onde trabalha, outro colega comentou a falta de interesse e o individualismo que se percebe na sociedade atual. Uma terceira colega mencionou sobre o interesse dos jovens, dizendo perceber/constatar que eles têm interesse nos grupos virtuais, inclusive para a realização de trabalhos escolares e menciona que a escola e o professor têm papel social. Ainda uma outra colega referiu sobre a participação e o protagonismo dos jovens em questões escolares em uma escola da cidade onde trabalha.

A falta de interesse pela política e por outras questões da atualidade remete, ao que a professora chamou de exercício da ausência, quando se diz “que bom que não fui chamado”, “que bom que acabou mais cedo”...E assim se passa anonimamente pelas aulas, se evita participar do diálogo, simplesmente se passa pelas coisas sem vivê-las.

Um colega da turma mencionou que as pessoas têm pressa. A professora menciona, então, sobre a pressa com propósito econômico, a corrida por coisas materiais, num viver de pressas que se sucedem movidas pelo motor econômico. Simultâneo à pressa tão presente em nossa sociedade, a professora lembrou o aspecto de não-realização profissional como situações de professores que não conseguiram ser outro profissional. Segundo a professora, ser professor ainda é uma profissão digna e, apesar da formação acadêmica não ser contemplada com salários adequados, uma situação assim precisa ser encarada de outra forma, necessitando fazer o intragável ser suportável, é preciso resignificar, caminhar mais...Nesta direção, um colega lembrou o sociólogo Michel Maffesoli, o qual condena a verticalidade das relações e afirma que a escola precisa trabalhar na horizon-

talidade. Este momento se encerra com uma lembrança/sugestão de leitura por parte da professora - Hannah Arendt. Fica também a dica da professora: falar é terapêutico, calar é adoecedor.

Em um breve inventário dos métodos qualitativos já estudados, a professora mencionou sobre a importância da dúvida, pois duvidar é a grande essência da pesquisa. Mencionou ainda que se pode cotejar mais de um método para pesquisa. Entendemos que o pesquisador, se usar mais de um método, deverá fazê-lo com equilíbrio e clareza. No caso de optar por vários métodos, configurará a bricolagem, que deverá ser bastante clara e bem delineada. Há que se ter o cuidado de permitir a proeminência do método sobre a questão de pesquisa.

A professora lembrou que a pesquisa documental faz uso de fontes secundárias e esta pesquisa abarca a pesquisa bibliográfica. Quanto ao método de pesquisa-ação, mencionou que este método requer mais tempo do pesquisador pois envolve intervenção no local de pesquisa. Para o pesquisador que optar por fazer estudo cartográfico, lembrou a professora, deverá dispor de tempo, pois há um itinerário que se constrói durante a pesquisa. Não começa com todos os instrumentos que o pesquisador vai utilizar, ocorrendo imersão do pesquisador, havendo menos rigor com o preparo inicial e mais rigor com a descrição e análise dos dados que surgem. Por fim, fomos lembrados que a pesquisa colaborativa também requer mais tempo pois une a demanda da escola, com a do pesquisador. Deve ter a formação, capacitação para os profissionais da escola. Esta capacitação não é transmissão de conhecimento, mas deve ser construído juntamente com o grupo.

Na sequência desta aula, nos foi apresentado pela professora, o próximo método, a “etnografia”. O significado etimológico da palavra é descrição de um povo. A etnografia não estuda os indivíduos, mas os coletivos, os grupos organizados, duradouros, chamados de comunidades ou sociedades. Segundo Angrosino (2009) etnografia significa descrever um povo, para este autor “é importante entender que a etnografia lida com gente no sentido coletivo da palavra, e não com os indivíduos”. (2009:16). Angrosino (2009) menciona diferentes abordagens etnográficas. Segundo ele há etnógrafos que defendem a natureza científica do método pois “sua coleta de dados está a serviço de uma concepção de ordem na vida social, onde os fatos têm preeminência sobre as interpretações e onde cada evento tem sua função dentro de um sistema coerente” (2009:19).

A etnografia se preocupa com o estudo dos modos de vida e culturas. Com o que significa cultura, que são as formas como a comunidade lida com a vida, com sinais de como pensar a vida, saúde, filhos, costumes, regras, arte, vestuário. A professora citou uma definição de um autor que escreve sobre o assunto: Michael Angrosino, para ele etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças. Sobre o objeto a ser cartografado, Oliveira (2012:284) nos diz que ;’não é assim, algo fixo, um objeto de dado empírico, organizado e fechado segundo as exigências da representação. Ele é como

alguma coisa que se estende sobre uma superfície, geográfico, geológico, e que pode tomar emprestado um grande número de modos de existir.”

Na continuidade da explanação por parte da professora, ela explica que esta metodologia é uma pesquisa de campo multifatorial, com duas ou mais técnicas de coleta de dados. Ocorre uma constante interação, com compromisso de longo prazo e o diálogo é uma constante, remete à metáfora do elefante, em que todos tem s sua parcela a contribuir.

Anotamos ainda que a observação é contínua. Há entrevistas abertas, em profundidade, com muitas conversas e sem roteiros de perguntas. Para entrevistas semiestruturada, faz-se um roteiro prévio do que se pretende observar. Angrosino (2009:20) escreve que “o pesquisador precisa fazer uma imersão no mundo dos seus sujeitos, ele não pode ser um observador neutro das atividades deles, mas precisa subjetivamente tornar-se um deles”. Este autor também menciona que há uma orientação etnográfica que considera a sociedade “um caleidoscópio em constante mutação de indivíduos interagindo uns com os outros” e esta corrente de etnógrafos enfatiza que “o comportamento como um conjunto de fatos objetivos é substituído por um delineamento mais subjetivo sobre como as pessoas entendem aquilo que fazem” (2009:20).

As entrevistas podem ser genealógicas, como no caso da tese disponibilizada para estudo sobre a família negra, mencionada anteriormente. Na etnografia, ocorre uma análise em rede; como as pessoas trocam informações, como as pessoas se relacionam, como estabelecem proximidades. Estas características mostram que a etnografia é um método holístico.

Na sequência da aula a professora colocou dois vídeos, com entrevistas do pesquisador Alexandre Barbosa Pereira. O primeiro vídeo assistido trata da situação dos jovens nas escolas de hoje, resultado de sua pesquisa. Está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjvQEIoTsas>. A seguir fazemos uma breve síntese a partir do vídeo.

Para o pesquisador, ser jovem na contemporaneidade tem muitos sentidos e muitas possibilidades. Pode ser considerado pela faixa etária e também por outras questões, outras marcas como gênero, raça ou classe social. Pode-se vivenciar a intensidade da juventude de muitas formas. As práticas juvenis em relação com a educação formal podem ser tensionadas pela falta de diálogo. A interação entre a educação formal e os jovens deveria, para além da formação acadêmica e profissional, permitir constituir um projeto de vida que lhe permita sua realização como pessoa. O pesquisador sugere a cobrança por esta realização não recaia apenas sobre os jovens, mas que a relação intergeracional possa contribuir para a construção de um mundo melhor.

No segundo vídeo assistido, Alexandre Barbosa Pereira responde a algumas perguntas sobre a zoeira, uma questão comum nas escolas. Está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kHkP5mvbNdw>.

O pesquisador menciona que zoeira constitui uma dinâmica relacional que pode se manifestar em disputas, relações jocosas ou simples brincadeiras. Quando surgem elementos de perseguição torna-se necessário o enfrentamento da questão que pode ser feito através do diálogo. Os mecanismos de controle têm se alterado no ambiente escolar quando o controle disciplinar já não funciona e a escola tende a aumentá-los. Os alunos, por sua vez, poderão reagir por terem acesso ao conteúdo e assim desafiam os professores pois “não precisam mais deles”. Os jovens demandam por transformações na escola. Grupos identitários têm pressionado para a reinvenção da escola com uma autoridade radical. A escola tradicional não está preparada para esta nova geração tecnológica e desafiadora que tem outras formas de acessar o saber. A escola precisa se redescobrir neste novo mundo onde os jovens estão inseridos. Isto pode ser feito, segundo o pesquisador, com a escola fornecendo possibilidades de articulação criativa do conhecimento aos jovens através da tecnologia que eles têm acesso. (Pereira, 2018).

A partir dos vídeos trazemos dois simples olhares sobre o que assistimos. Enquanto professora, autora deste escrito, que sempre esteve na sala de aula, constamos que o diálogo com os jovens pode ser difícil e até mesmo não acontecer, pois professores sofrem muitas pressões com o compromisso lhes é atribuído de vencer conteúdos entre muitas outras atribuições. Enquanto professora afastada da docência vemos que os professores deveriam se permitir um pouco mais de flexibilidade e avançar mais no diálogo com os jovens, ouvi-los mais e assim fazer acontecer uma interação mais saudável e profícua.

A professora nos lembrou que em uma fase da história a criança não existia, eram pequenos adultos e mencionou que infância e adolescência contribuem para as construções culturais. A história encenada em filmes mostra esta situação onde se pode perceber crianças vistas e tratadas como adultos em miniatura, sem vez e sem voz na família e na sociedade.

Segundo a professora a educação está mais problemática do que as nossas capacidades de discuti-la. A partir das falas de Alexandre Barbosa Pereira, a professora mencionou que não devemos colocar no jovem a carga de construir um mundo melhor, mas dividir com os adultos. Ele falou na reinvenção da escola: usando as formas juvenis, por exemplo o que significa zoeira e acredita que há inúmeras maneiras de viver a infância e a juventude. Os estudos etnográficos do pesquisador sugerem deixar algumas certezas e conhecer o novo.

Foi-nos disponibilizado para leitura o texto de Alexandre Barbosa Pereira: Do contro-verso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. No curso de formação para professores que foi realizado pelo pesquisador, os professores culpabilizam o aluno, fazendo uma série de reclamações a respeito dos estudantes. A preocupação do pesquisador é que a perspectiva antropológica revele outras possibilidades de entendimento das relações sociais. Do encontro de concepções culturais sobre o mundo é que se produz o conhecimento antropológico sobre ou com as sociedades estudadas. (Pereira: 2017). Este autor ainda registra que:

Precisamos, se quisermos realizar uma antropologia da educação coerente e comprometida, sim saber o que efetivamente acontece no cotidiano escolar, a partir das muitas perspectivas, a dos estudantes, a dos docentes, a da gestão e a do bairro onde se situam as instituições. Se a questão da infância e da juventude é um ponto crucial para a escolarização, por se tratar de uma relação intergeracional, deve-se atentar para como os adultos também não são uma categoria bem delimitada e definida previamente. (2017:171).

Uma leitura disponibilizada para a próxima aula é o artigo Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério de Flavinês Rebolo Lapo e Belmira Oliveira Bueno. Ao fazermos a leitura prévia entendemos que o desencanto dos professores pode se dar pelo excesso de controle do trabalho do professor, pela escassez de recursos materiais, pela falta de apoio técnico-pedagógico e a falta de incentivo ao aprimoramento profissional, pela sobrecarga de trabalho, falta de apoio dos pais dos alunos, por sentimento de inutilidade em relação ao trabalho que realizam e principalmente pelos baixos salários. Todas estas insatisfações podem levar ao abandono da docência. De acordo com as autoras ocorrem abandonos temporários, como faltas, licenças curtas, licenças sem vencimentos; os abandonos também ocorrem por remoção dos professores, trocando de escola, ou ocorre acomodação, até ocorrer o abandono definitivo. De acordo com Lapo e Bueno (2003:80):

Esse adiamento do abandono definitivo de um trabalho que não é mais fonte de prazer e equilíbrio, seja por qual motivo for – as atuais expectativas de emprego, o medo de se sentir fracassado, o medo das perdas, ou outros – acaba por gerar diferentes mecanismos de evasão, que servirão de “válvulas de escape” para as pressões a que a pessoa está exposta, uma vez que essas não podem ser eliminadas definitivamente no momento.

O artigo disponibilizado sobre grupos focais é “Não é assim de graça!”: Lei de Cotas e o desafio da diferença, de autoria de Maria Rosimére Salviano de Moura e Maria Ivonete Barbosa Tamboril.

As autoras investigaram um grupo de estudantes cotistas que entendem e tratam as cotas como um direito decorrente da questão da dívida histórica que se tem para com os negros. A psicologia teria contribuições a dar no processo de inserção dos estudantes cotistas, bem como para diminuir as tensões da dinâmica inclusão/exclusão que envolve este assunto. (Moura; Tamboril: 2018)Entendemos que nossa dívida para com os negros é impagável, pois o que se passou em nossa nação referente à escravidão, é uma questão de dignidade humana que não tem preço, as cotas apenas amenizam a questão.

A nossa sexta aula iniciou com a presença da coordenação e secretaria do PPG para eleição do representante discente no colegiado do mestrado e doutorado. À tarde houve eleição do discente para o mestrado e à noite ocorreu eleição do discente para o doutorado.

A professora iniciou a aula com a leitura de uma crônica de Christian Dunker – Para que serve a filosofia, disponível no site: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/christian-unker/noticia/2019/05/para-que-serve-a-filosofia-cjv5fh0qe007b01ptxjs6bqap.html>

A professora lembrou a contribuição da etnografia para a educação, lembrou o texto de Alexandre Barbosa Pereira: o olhar o aluno, do professor, do fenômeno em si, o olhar reflexivo, conhecendo a realidade, imergir no território de pesquisa, imergir dele e conclui que a rebeldia não marca mais a juventude do século XXI.

Passamos a seguir ao estudo dos métodos “histórias de vida”: “estudos autobiográficos” e “grupos focais”, com a explanação da professora. Os dois têm ênfase no modo de ser do sujeito, que são advindos de entrevistas, relatos ou de documentos sobre pessoas, em ambos os casos se escuta mais de uma vez, para trazer elementos distintos.

Sobre histórias de vida: a história de vida é o instrumento para estudo, os indivíduos são ouvidos separadamente, como no do artigo das mulheres negras e dos professores. É um grupo com semelhanças, pessoas que tem uma determinada característica que respondem sobre um tema que lhes é apresentado. À medida que o pesquisador faz a narrativa surgem elementos a partir da escuta que foi feita. Segundo Ferreira e Amado (2005:XV), o objeto de estudo “é recuperado e recriado por meio da memória dos informantes, a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes”. Para as autoras, as entrevistas constituem documentos que se caracterizam por serem “resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo” levando o “historiador a buscar caminhos alternativos de interpretação”. (2005:XIV).

A partir destas pesquisas surgem temáticas ligadas aos docentes, sua identidade, quem é o professor. Sendo que, segundo a professora, uma boa entrevista vai trazer boas respostas. Registramos, conforme Ferreira e Amado (2005:XVI) que “a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais de *solucionar* questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer respostas.

Quanto aos estudos autobiográficos, o instrumento de pesquisa é o próprio sujeito, o interesse de pesquisa é a vida do sujeito, seu protagonismo, o sujeito dizendo sobre si, sua riqueza. Com acesso ao sujeito, o que ele escreve de si, há informações sobre sua pessoa. Constitui-se um instrumento de conhecimento global do sujeito. Como exemplo, se estuda a gênese de uma escola a partir de seu fundador, o pioneiro. Referente a grupos focais, considera o contexto do grupo em estudo, considera as interações que existem/ocorrem entre os elementos do grupo estudado. Para fazer a composição do grupo, o ideal é 8 a 10 pessoas. Segundo Dal’Igna (2012:195) é possível caracterizar o grupo focal quanto ao “seu potencial para produção de informações sobre tópicos específicos, a partir do diálogo entre participantes de um mesmo grupo”.

Para a pesquisa em geral se usa fazer vídeos, devido a grande quantidade de material para estudo. Então se observa/estuda como o grupo se complementa ou se contradiz, se o

grupo traz elementos que fazem derivar outras ideias. Pode haver grupos comparativos, quanto ao tempo a acompanhar o grupo, pode ser em torno de duas horas por dia, sendo que o número de dias pode variar. A produção pode ser, preferencialmente, a partir de grupos que tem expertise para responder o assunto que vai ser pesquisado, o grupo em interação responde. É um tipo de pesquisa que gera um grande volume de informações para analisar, com muito material em pouco tempo.

Após um colega mencionar um estudo que fez com grupo focal, a professora explica ainda que este tipo de pesquisa requer muito tempo, pois surgem muitas questões. Deve ter observador, além do pesquisador, porque há muitos elementos que o pesquisador possa não ter captado ou esquecido.

Na sequência da aula assistimos a um filme, via Netflix, sobre um professor de Filosofia: Merlí, mostra o protagonismo do professor que tenta valorizar sua profissão na busca por atuar, até conseguir um emprego. O filme mostrou o professor por fim atuando com uma turma de adolescentes. Seu filho é aluno desta turma, há uma tensão por parte do filho em relação a isto, que parece ser superada. O professor apresenta aos alunos o conceito de peripatéticos, aqueles que pensam enquanto caminham. Os alunos entendem o recado e nós também: o componente curricular/disciplina Filosofia certamente faz diferença, faz pensar.

Ao terminar o episódio, a professora conduziu aos comentários. Perguntou como seria se o professor fosse uma professora: talvez não houvesse aceitação das iniciativas/postura do professor, talvez daqui a alguns anos se aceite. Falou-se na turma sobre a questão do trabalho não remunerado ou voluntário que apareceu no filme. A professora trouxe uma situação de instituição de uma cidade vizinha que poderia fechar devido a uma crise financeira pela qual a instituição passava e os professores decidiram trabalhar sem remuneração por um período, deste modo seria possível superar a crise. Pessoalmente, acreditamos que o trabalho voluntário no momento que vivemos traz humanismo, solidariedade, podendo contribuir para superar o viés de apenas remuneração na atuação profissional.

Em nossa sétima aula, a professora retomou o assunto das eleições, mencionando como as alunas eleitas na aula anterior como representantes discentes e os demais alunos podem aproveitar este canal de comunicação com o PPEdu/Universidade. A colega mesetranda informa ainda não ter participado da reunião. A colega doutoranda diz que quer conhecer a realidade, como é este processo. Acredita que é um processo que deve ser construído e conta com os demais colegas. As reuniões do colegiado do curso acontecem mensalmente.

A partir do texto de Vladimir Safatle, disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/vladimir-safatle-o-que-resta-da-universidade/>, enviado pela professora via e-mail durante a semana, uma discussão se estabeleceu na turma. Um colega comentou sobre uma matéria que leu sobre países em desenvolvimento que tem um “deus” como salva-

dor, porém a educação sempre continua desvalorizada. Trazem outras questões como família sem renda pelo desemprego e a escola estadual em decadência. Outra colega mencionou que de acordo com o texto não precisa mais universidade. A professora mencionou que educação para o trabalho é uma imbricação precária, se a educação for apenas para empregabilidade, então a universidade está com os dias contados. Outra colega trouxe sua contribuição, concordou que estudar pode trazer melhores condições de vida. Um colega mencionou que a universidade em sua origem tinha como sentido ser centro de cultura.

A professora comentou que em 1968 a universidade se “divorciou” da política, intelectuais foram cooptados para dentro das universidades, de modo que não representassem mais um perigo, o que foi desfeito a partir de 1968. Desde então tira-se verbas e se descontrói a função social e passa-se a criticar: para que serve a universidade? Mencionou o interesse o investimento financeiro em educação, e então desqualificar a universidade é uma premissa econômica, não uma discussão pedagógica. Trouxe como exemplo, o currículo consistente do atual ministro da economia, e entende que, contudo, tal currículo não reverteu para a educação. Relacionando a esta questão, registramos da leitura do texto disponibilizado, onde se lê o que escreve Saflate (s/p):

O Brasil viu, nos últimos vinte anos, uma impressionante quantidade de intelectuais se transformar em presidentes da República, prefeitos, ministros e secretários de Estado. Normalmente, eram intelectuais que se serviam do discurso do “é necessário fazer alguma coisa”, “temos uma responsabilidade para com o país”. Entretanto, isso nunca significou entrar no Estado para implodir por dentro sua estrutura arcaica. Na verdade, tratava-se de fornecer ao Estado um melhor discurso de justificação de seus arcaísmos, além de produzir ajustes em seu funcionamento isto quando não acabávamos vendo estratégias de garantia de benesses de consultorias e assessorias. Os intelectuais não transformaram o Estado brasileiro, eles se integraram a ele.

Um colega perguntou se a crise é geral, como estaria na Europa, onde a professora esteve a estudo. A professora trouxe algumas informações como a questão do ensino médio em Lisboa, em que os jovens estão preocupados em estudar para os exames que equivalem ao Enem. Informa ainda que, em Portugal e Espanha não há grupos estrangeiros na propriedade/administração da educação como temos em nosso país.

A professora comentou que a discussão sobre educação no Brasil é periférica. Aqui no Brasil instituições devem gerar mão-de-obra rápida, em outros países tem certificação para a educação, por isto é mais qualificada, mais ampla que apenas preparar para o trabalho. De acordo com o autor do texto disponibilizado, para Saflate, parece que a universidade perdeu o seu lugar pois deixou de ser problema e de acordo com este autor “Somente enquanto ela foi um problema potencial, devido a sua capacidade de mobilização, de tensionamento social, de constituição de pautas no interior da opinião pública, a uni-

versidade foi preservada. Quando isto saiu do horizonte, a universidade se tornou descartável.” (s/p).

Uma pequena discussão se estabeleceu e um colega mencionou a angústia dos alunos ao terminarem o ensino médio e terem que escolher uma profissão que poderá se extinguir num futuro próximo. Outro colega mencionou a importância dos relacionamentos, pois na escola o convívio com as diferenças não está sendo fomentado.

A professora direcionou para o final, a discussão sobre a universidade, mencionou que se a universidade não está em discussão, como está em outros países, então temos denúncias de uma educação caótica. A colega de outro estado, mencionou que a universidade onde trabalha tem efetuado corte de gastos e professores carecem de incentivo.

Passamos a seguir a acompanhar a explanação sobre a modalidade de análise dos métodos qualitativos. O material desta aula foram disponibilizados pela professora no ambiente virtual de aprendizagem. Os comentários da professora seguem na sequência.

Quanto ao objetivo da análise deve buscar a coerência da fundamentação com campo teórico, realizar a correspondência entre a questão de pesquisa e os achados e assim dar sentido aos dados coletados. Na “análise de conteúdo” emergem as categorias, o que é evidente, vai explicitar as temáticas presentes, como por exemplo, o que tem sido feito com mais frequência nas teses e dissertações. Informou a professora que existem softwares para fazer a categorização.

A “análise narrativa” identifica construções sociais como nas histórias orais e entrevistas não-estruturadas, considera a questão da passagem do tempo, sem necessariamente ser um estudo longitudinal. Mais de uma pessoa pode falar, diferentemente do estudo autobiográfico, onde apenas uma pessoa fala. Na análise de conversação aparece a interlocução, a ênfase não está no conteúdo, mas como a palavra é mediada. Evidencia ordem social dos participantes, como por exemplo, equipe diretiva de uma escola.

A “análise do discurso” é voltada para o que está sendo dito, o conteúdo, analisa um discurso a temática que está sendo considerada. Discursos refletem a leitura que os participantes fazem sobre sua realidade, fala daquilo que se vive e contextualiza. A professora citou um livro como exemplo: Lugar de fala, escrito por uma filósofa brasileira. Este exemplo denota posturas no lugar social e mais pluralidade de vozes.

A “análise hermenêutica”, usada para interpretar textos antigos, textos bíblicos, ampliou-se para a interpretação de obras de arte e outras possibilidades. Busca o significado latente no objeto e valoriza o significado objetivo de cada objeto. Nas diversas leituras possíveis, gera interpretação sobre um determinado fenômeno,

A triangulação de métodos consiste na conjunção de mais de um método para resolver uma determinada situação, significa adotar perspectivas diferentes para analisar mais de um elemento: dados, autores e a análise conjuntural, que amplia a visão. Os elementos do tripé validam um ao outro.

A professora nos entregou uma folha, xerox da página 30 do livro de Uwe Flick, onde consta uma tabela, um parâmetro sobre perspectivas de pesquisa na pesquisa qualitativa. Sobre isto a professora mencionou que nem sempre há clareza da matriz filosófica da tese. Verificar em uma obra, tese ou dissertação, se os autores se citam poderia dar alguma proteção para não entrar em contradição.

No último momento da aula a professora colocou no quadro questões para discutirmos em pequenos grupos e, após, trazermos algumas ponderações para o grande grupo. As questões são:

- A posição do pesquisador precisa estar explícita na tese dissertação, cabe este posicionamento?
- Em que medida os métodos organizam a investigação e quando eles a restringem.

No pequeno grupo, surgiram várias questões sobre as questões; entendemos que a posição implícita sempre estará presente na pesquisa. Entendemos que a posição explícita depende do tipo de pesquisa, da opção do pesquisador de se colocar ou não mais diretamente na pesquisa. Quanto à questão dos métodos entendemos que eles tanto podem auxiliar na organização da investigação se forem bem utilizados como poderão dar um viés restritivo se perdermos o controle sobre os mesmos. Gastamos mais tempo nestas duas questões.

No grande grupo as ponderações se assemelham ao que discutimos no pequeno grupo. Destaco sobre a posição do pesquisador; a professora salienta que a redação em primeira pessoa explícita a posição do pesquisador, enquanto redigir a tese ou dissertação na terceira pessoa poderá permitir a posição explícita ou não do pesquisador. Consideramos que este momento de discussão foi relevante, pois no decorrer do desenvolvimento da disciplina recebemos o aporte de que necessitamos, porém em uma pausa para reflexão vemos que todos temos anseios que vão sendo respondidos. São ajustes pertinentes ao processo de construção do projeto de dissertação ou tese do discente/pesquisador.

Esta escrita, partiu do propósito de estudo dos métodos qualitativos da disciplina de metodologia, o qual foi desenvolvido a partir dos textos e materiais disponibilizados aos alunos. A elaboração deste diário procurou atender seu propósito através dos registros e, para além das anotações, salientamos a possibilidade da imersão em muitas leituras e do encontro com o outro na turma de alunos em que se desenvolveram as aulas, o qual entendemos em consonância com Palma Valenzuela (2020:101) “como instância privilegiada e essencial para a vivência, compreensão e desenvolvimento das relações humanas e sociais, convidando sempre a atitudes de crítica construtiva nascidas do reconhecimento da própria limitação.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir e encerrar o diário de bordo como um instrumento de avaliação da disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação – métodos qualitativos, ficam ainda mais algumas lições além do exposto ao longo do texto redigido. A frequência às aulas, registrando as atividades do início ao fim de cada período foi determinante para compor o diário. Os registros realizados atentamente são importantes pois a preocupação do registro se dá com maior concentração e retenção das informações.

Este trabalho apresenta uma inovação, pois se constitui um instrumento de pesquisa-avaliação. É um instrumento de avaliação porque faz parte da composição da avaliação nesta disciplina. É um instrumento de pesquisa pois contém uma gama muito grande de registros que poderão ser utilizados em futuros trabalhos. Um aspecto técnico diferenciado que surge é construir um diário com referências, não seria possível não tê-las ao final do trabalho, pois além de serem muitas, são referenciadas ao longo do trabalho.

Um grande aprendizado que fica com a elaboração do diário de bordo, além do esforço para acompanhar as falas da professora e dos colegas da turma, além da diligente tentativa de lembrar do que não se conseguiu registrar, o que realmente importa é que o registro ficou e poderá ser retomado. É possível rever o conteúdo nos slides disponibilizados no ambiente virtual de aprendizagem, acessar os sites que foram visitados com maior disponibilidade de tempo, é possível reler artigos disponibilizados, livros recomendados e tornar a assistir os vídeos que assistimos nas aulas. Temos assim, um consistente diário da disciplina e do que foi abordado nas aulas. Neste sentido, concordamos com Santos (2018:68) quando escreve que “Pensamentos que não fazem sentido, podem fazer amanhã. É muito comum termos alguma ideia que se localiza enquanto uma semente, mas que se frutifica tempos depois”

REFERENCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, J. (2006). Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, 36 (129), 637-651.
- ANGROSINO, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed.
- DAL’ IGNA, M. C. (2012). Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 195 – 217.
- CARA, D. (2018). O que é o projeto Escola sem Partido. Disponível em: [[Enlace](#)]

- FERREIRA, M. DE M.; AMADO, J. (2005). Apresentação. In: FERREIRA, M. DE M.; AMADO, J. *Usos & abusos da história oral*. 7ed. Rio de Janeiro: Editora FVG, VII – XXV.
- GAMBOA, S. S. (2012). *Pesquisa em educação: métodos e epistemologias*. Chapecó: Argos.
- GLEISER, M. As verdades e incertezas do processo científico. Folha de São Paulo. Publicado em 23/04/2000. Disponível em: [\[Enlace\]](#).
- LAPO, F. R.; BUENO, B. O. (2003). Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, 65-88.
- MOURA, M. R. S. DE; TAMBORIL, M. I. B. (2018). “Não é assim de graça!”: Lei de Cotas e o desafio da diferença. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 22 (3), 593-601.
- OLIVEIRA, A. M. DE; GEREVINI, A. M.; TROHSCHOEIN, A. A. G. (2017). Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 10 (22) 119-132.
- NÓVOA, A. (2018). Diálogos com Antonio Nóvoa. Disponível em: [\[Enlace\]](#). Acesso em: 11/04/2019.
- NÓVOA, A. (2015). Carta a um jovem investigador em Educação. *Investigar em Educação - IIª Série*, n. 3.
- OLIVEIRA, A. M. DE, GEREVINI, A. M, STROHSCHOEN, A. A. G. (2017). Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 10 (22).
- OLIVEIRA, E. (2018). Disponível em: [\[Enlace\]](#)
- OLIVEIRA, T. R. M. DE. (2012). Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de desenho em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 279 – 303.
- PARAÍSO, M. A. (2012). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: Meyier, D. E.; Paraiso, M. A. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 26 – 45.
- PEREIRA, A. B. (2017). Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. *Horizontes Antropológicos*, ano 23, n. 49, 149-176.
- PEREIRA, A. B. (2018). Disponível em: [\[Enlace\]](#).
- SAFLATE, V. O que resta da universidade. Disponível em: [\[Enlace\]](#). Acesso em 01/06/2019.

- SANTOS, A. F. DOS. (2018). Diários de bordo: relatórios de uma prática investigativa da subjetividade e do mundo objetivo. *PSICOLOGIA.PT – O Portal dos Psicólogos*. Disponível em: [[Enlace](#)]
- SANTOS, B. DE S. (2008). *Um discurso sobre as ciências*. 5. Ed. São Paulo: Cortez.
- SANTOS, B. DE S. Intelectual de retaguarda. 2018. Disponível em: [[Enlace](#)]
- SOUZA, A. E. DE et al. (2015). Abordagem interdisciplinar: a compreensão do meio ambiente com o uso de diários de bordo como ferramenta pedagógica. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2015, Curitiba. *Abordagem interdisciplinar: a compreensão do meio ambiente com o uso de diários de bordo como ferramenta pedagógica*. Curitiba.
- TRIP, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31 (3), 443-466.
- PALMA VALENZUELA, Andrés. (2020). Enseñar Ciencias Sociales entre riesgos e incertidumbres. *Didáticas Específicas*, 22, pp. 88-103.